

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 14

Ivaldo Roque

Jerônimo Jardim



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANÇE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcançe.com.br / e-mail: alcançe@editoraalcançe.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.

Ivaldo Roque



Ivaldo Roque juntava numa só pessoa o ser catarinense e o ser gaúcho, o músico clássico, o popular, o vanguardista e o jazzman, o sambista de botequim e o professor universitário, o pedreiro e o linotipista dos primeiros anos, quando da chegada a Porto Alegre. Os lugares onde deixou marcada sua obra foram muitos: a construção do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a gráfica do Correio do Povo, a Faculdade Palestrina de Música, a Escola de Samba Praiana, o restaurante Vinha D'Alho, a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana...

Ivaldo trabalhou como linotipista do Correio do Povo de 1969 a 1976. Problemas de saúde fizeram com que se aposentasse e passasse a se dedicar aos estudos e à música. Concluiu o supletivo de segundo grau e se tornou professor da Faculdade Palestrina de Música.

Um acidente de trabalho fez com que perdesse a primeira falange do dedo indicador esquerdo. Ainda que obrigado a improvisar com o mindinho, Ivaldo tocava violão com brilhantismo. O compositor Jerônimo Jardim, seu principal parceiro no grupo "Pentagrama", com quem construiu uma obra fundamental para o neo-regionalismo gaúcho lembra que ele era um excelente violonista erudito, que teve aulas com Abel Carlevaro e que era um ótimo professor, admirado pelos alunos.

O músico Zé Gomes (integrante do grupo "Os Gaudérios", no final dos anos 50) foi quem iniciou Ivaldo no ofício de professor de violão. Eles davam aulas na escola Violão Zé Gomes, que ficava em uma sala da Galeria Malcon, na Rua dos Andradas, centro de Porto Alegre. O curso existiu entre os anos de 1964 e 1969. Conhecidos por suas participações e vitórias em festivais, carnaval e outros eventos, ambos atraíam muitos alunos.

No primeiro Arqui-Samba, festival promovido em 1965 pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Ivaldo participou com a música *Ciganinha*. Carnavalesco desde criancinha, no Rio Grande do Sul era Praiana doente, afinal, ela repetia as cores verde e rosa da lagunense Brinca Quem Pode, escola que conheceu quando criança e reencontrou quando de seu regresso à Laguna. Para a Praiana compôs, entre outras, a melhor música de carnaval de 1972, *Exaltação à Praiana*, em parceria com Pedro Mattos, e o melhor samba de 1974, *No Tempo da Vovó*. Além disso, participava da bateria da escola tocando cavaquinho e tamborim. O amor pelo samba e conhecimento do assunto o levaram a escrever a coluna "A Ala do Roxo", da Zero Hora, sobre o carnaval.



Em 1971, no Teatro de Câmara, ao lado de Jerônimo Jardim e Luiz Coronel em homenagem a Lupicínio Rodrigues, Hamilton Chaves, Rubem Santos, Túlio Piva, Paixão Côrtes e outros históricos batalhadores do Som do Sul, Ivaldo Roque organizou o show Rio Grande do Som. Participaram, também, Luís Mauro, Mutinho, João Palmeiro, Paulo Coelho, César Dorfman, Kleiton e Kledir Ramil e Geraldo Flach.

Em 1973, junto com Jerônimo Jardim, Beto Meimes e Lúcia Helena, Ivaldo participou da terceira edição da Califórnia da Canção Nativa, em Uruguaiana. A música, *Cobra Luz*, tirou o terceiro lugar e sinalizou o início de uma renovação da música regional, que ficaria marcada no ano seguinte, quando eles retornaram ao festival de Uruguaiana. Chegou com seus parceiros já denominados de grupo "Pentagrama". Apresentaram a música *Coto de Vela*, a história do negrinho do pastoreio mostrada em forma de jazz misturado ao fandango. A polêmica gerou a divisão do festival em três linhas, o que permanece: Campeira, Manifestação Rio-Grandense e Projeção Folclórica.

Integrado ao circuito dos festivais nos anos 60 e 70, Ivaldo participou da criação de dois grupos que marcaram época na música gaúcha: "Cantapovo" e "Pentagrama".

O "Cantapovo" era formado por Ivaldo, Giba Giba, João Palmeiro, Sílvia e Laís Marques e Mutinho, todos destacados compositores e intérpretes da música popular urbana gaúcha. Foi um dos primeiros grupos da MPB do sul a ter reconhecido um trabalho artístico e receber cachês para apresentações. Um dos grandes momentos do "Cantapovo" aconteceu na primeira edição do Festival Sul-Rio-Grandense da Canção, no Teatro Leopoldina (hoje Teatro da OSPA). O grupo concorreu com duas músicas, *Batucada* e *Canto de Chegar*. João Palmeiro lembra que o público esperava a vitória de uma delas, mas, como em muitos festivais, a favorita acabou sem prêmio. Foi a consagração do grupo e do trabalho dos autores, Ivaldo e João Palmeiro. No fim, o público que chegou ameaçar quebrar o teatro, revoltado pela não classificação das suas preferidas, reuniu-se na rua cantando as duas vencedoras "morais" do festival.

Em 1974, após a primeira investida na Califórnia e a repercussão do trabalho, Ivaldo e Jerônimo Jardim resolveram montar o grupo "Pentagrama" com as cantoras Loma e Yoli (também baterista) e o baixista Tenison Ramos. Montaram o show "Transas e Milongas" e prepararam o repertório para gravar seu primeiro disco. O disco foi gravado em 48 horas de estúdio, na correria, numa oportunidade surgida após uma turnê de 15 dias pelo interior do estado. O disco foi gravado e mixado às pressas; se sua qualidade técnica final é discutível, o mesmo não se pode dizer do repertório, uma jóia do moderno regionalismo popular urbano, ou neo-regionalismo gaúcho. Gravado em São Paulo, o disco foi lançado pela gravadora Continental, com produção de Ayrton dos Anjos e Wilson Miranda.

O grupo dissolveu-se logo após o lançamento do primeiro e único LP, que saiu com uma prensagem de apenas mil cópias e que se tornou uma referência fundamental para entender os rumos da moderna música do Rio Grande do Sul.

Logo em seguida, desgostoso com os rumos da carreira artística, com problemas de saúde, com saudade da mãe e de sua terra natal, Ivaldo retornou para Laguna. Lá, continuou a fazer música e a trabalhar em jornal como repórter de O Renovador. Tinha também um programa de rádio, onde, com sua boa cultura geral, falava de vários assuntos e apresentava a música de novos compositores. Com problemas de saúde por causa de uma cirrose, foi obrigado a largar a bebida e suas adoradas "curtidinhas". Mas, sem poder perder o contato com os amigos da boêmia, muitas vezes desprezou a recomendação médica. Morreu aos 47 anos, no dia 7 de abril de 1986. Com sua morte, veio o desaparecimento de muitas histórias e arquivos de sua vida e obra, entre elas seu grande projeto pessoal, para o qual estudava, suas peças eruditas e uma possível sinfonia sobre o regionalismo gaúcho, que estudava nas obras de Jan-Anton Van Hoek, Ernesto Nazareth, Isaías Sávio, Jorge Martinez e Villa-Lobos.

Mas, outras histórias ficaram. Jerônimo Jardim, por exemplo, não esquece a criação de *Moda de Sangue*, imortalizada numa gravação de Elis Regina:

"O Ivaldo pegava as letras e tinha um impulso de criação. Eu tinha feito uma letra em 1976 e levado para ele; a letra tinha metáforas da época, referia-se à tortura. Nós estávamos saindo de um período muito difícil, estava muito presente aquela coisa do silêncio imposto e da tortura, que todo mundo sabia. Então compus essa metáfora: '*Eu te prendo na cadeia dos abraços...E te torturo e te sufoco nos meus braços / Te fuzilo com os olhos...*'. Ele olhou a letra, não sei direito se gostou ou não, mas teve o impulso de fazer um xote. E um xote, na época, para nós que procurávamos fazer tudo de uma forma sofisticada, era considerado uma música menor. Aí ele pega o violão e utiliza acordes de um xote, jocosos. Eu fiquei encabuladíssimo; que porcaria de letra que fiz, pensei. Aí ele foi fazer a barba para sairmos para tocar no Vinha D'Alho. Eu fiquei com aquele xote na cabeça, era uma música tão forte. Então, ao invés de tocar ela como xote, comecei a fazer ela bem lenta e a liberar os acordes, tudo o que ele tinha me ensinado, comecei a fazer uma harmonia sofisticada. Aí ele disse: 'que bonito, que música é essa?' E eu só pude responder: 'É a tua'. Ele tinha esquecido o que fizera de impulso, eu é que a guardei."



Cronologia Biográfica: Ivaldo Roque

1939 - Nasce em 12 de fevereiro, na cidade catarinense de Laguna. Filho de Hercílio Roque e Nair Maria de Jesus. Os pais nunca viveram juntos. A mãe, lavadeira, passou muito trabalho para criar os filhos, que a ajudavam na lavagem de roupas. O pai era barbeiro e músico violinista e, além de fabricar e consertar violinos, tocava em conjuntos de jazz. Cursou o primário no Grupo Escolar Jerônimo Coelho, em Laguna e, na adolescência, foi estafeta da Cia. Telefônica Catarinense enquanto atuava como músico. O talento, herdado do pai, fazia com que se destacasse ao violão e cavaquinho, tocando chorinho e samba no movimentado carnaval lagunense.

1957 - Decidido a tentar uma vida melhor ligada à música, parte para Porto Alegre em companhia de um amigo. Logo em seus primeiros dias na capital gaúcha, uma tragédia o marcaria para sempre. O companheiro de viagem, ao colocar metade do corpo pela janela do bonde em que andavam, teve a cabeça decapada por outro carro que trafegava em sentido con-

trário. A visão da cena acompanhou por muito tempo os pensamentos de Ivaldo.

1958 - Cursa linotipia no Colégio Pão dos Pobres. Linotipo era a pesada máquina de composição com chumbo, utilizada em gráficas e jornais antes do surgimento da composição eletrônica e da impressão off-set. Chegou a trabalhar até de pedreiro, mas o serviço em gráficas tornou-se mais freqüente e, por esta época, teve oportunidade de trabalhar no Correio do Povo.

1961 - Conhece o músico Zé Gomes com quem passa a estudar violão clássico. Em seis meses, já dava aulas junto com seu professor. O Estúdio Zé Gomes (à rua Vig. José Inácio, 547) era então uma conceituada escola de música procurada por quem se interessasse por harmonia moderna, bossa-nova (em moda na época) e também música clássica. Abandona temporariamente a gráfica do Correio do Povo para seguir a música.



Show do grupo "Pentagrama".

1962 - Forma ao lado de Zé Gomes (ao violino) e Wladimir Latuada (flauta) um trio muito requisitado para shows. Chegaram inclusive a acompanhar Elis Regina em programa da TV Piratini.

1966 - Embora tímido, Ivaldo foi-se enturmando com os músicos locais, escudado por sua grande capacidade ao violão, no qual era mestre em harmonia. Executava músicas eruditas e temas populares com igual desenvoltura e apresentava-se com a mesma naturalidade em bares e salas de concertos.

1967 - Integra o grupo "Cantapovo" com o qual apresenta-se no I Festival Sul-Brasileiro da Canção (Teatro Leopoldina), defendendo as músicas *Batucada* (Ivaldo e João Palmeiro) e *Canto de Chegar* (Mutinho e João Palmeiro). Não vencem o festival, causando protestos do público que torcia por eles. É que o som do "Cantapovo" era extremamente qualificado em tudo, desde os arranjos até as composições.

A canção *Batucada* torna-se uma espécie de hino de Porto Alegre naquele ano. O grupo é contra-

tado pela Philips e agrada gente do porte de Vinícius de Moraes e Arnaldo de Campos. Mas o disco acaba não saindo, e o grupo se desfaz por divergências entre seus integrantes.

Ivaldo começa a envolver-se com a Academia de Samba Praiana, fundada por Giba Giba, companheiro do "Cantapovo".

1968 / 1969 - Ivaldo segue sua rotina em bares, concertos e festivais. Era o mais requisitado professor de violão da cidade. Em junho de 68, o Estúdio Zé Gomes encerra suas atividades e Ivaldo passa a lecionar em sala particular na Galeria Malcon. Re-crudescia, porém, a repressão da ditadura militar sobre o meio universitário, justamente onde Ivaldo concentrava sua atuação. Vendo estreitarem-se as possibilidades, retorna, em abril de 69, à profissão de linotipista no Correio do Povo.

1971 - No Teatro de Câmara, um grande show chamado "Rio Grande do Som", reúne vários nomes atuantes no cenário musical da cidade.

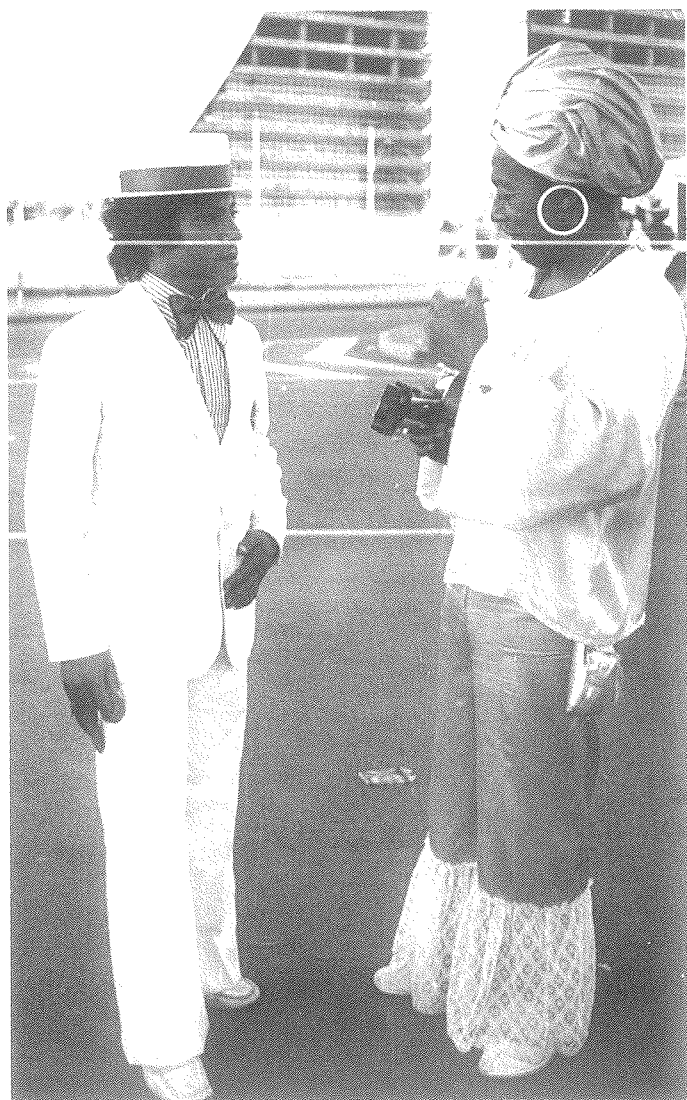
Entre estes estavam Ivaldo, Luiz Coronel, Mutinho e Jerônimo Jardim, em início de sua escalada

na música do RS. Daí começa a parceria entre Ivaldo e Jerônimo que produziria muitas coisas boas para a música gaúcha e também muita polêmica. Começa a germinar o grupo "Pentagrama". Ivaldo compõe com Flávio Barreto o samba enredo da Praiana.

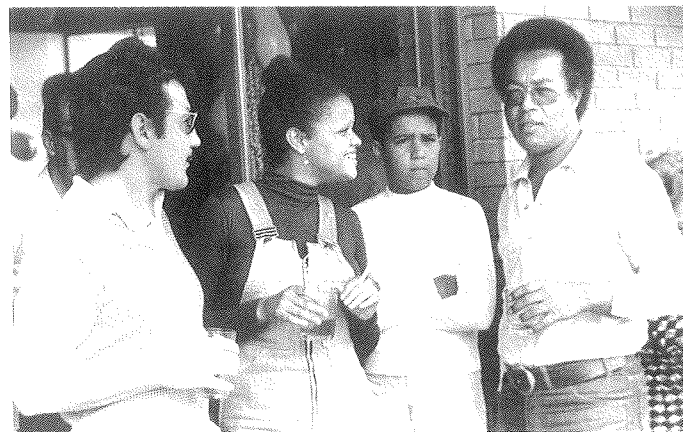
1972 - Ganha o prêmio de Melhor Música do Carnaval de 72 com o samba *Exaltação à Praiana*, em parceria com Pedro Mattos. Em sociedade com o parceiro e publicitário Flávio Barreto, cria a Jingle Texto & Som, produzindo comerciais intensamente.

Compõe *Prelúdio Regional*, peça instrumental erudita que impressionava a quem ouvia pela originalidade. Começava a associar seu virtuosismo, conhecimento e erudição à música regional.

Surgem várias obras nesta linha, como *Can-*



Ivaldo na Escola de Samba Praiana.



Em festa na casa de Crivelaro (dir. Fac. de Música Palestrina); Mario Barros, Loma, Sergio Ricardo (seu primogênito) e Ivaldo.

ção da Volta (com Kenny Braga), *Inspirado na Campanha* (com Barreto, Mattos e J. Jardim) e *Pra um Dia Poder Voltar* (com Osvil Lopes).

Este grupo de amigos e parceiros debate os temas e aparece a expressão "neo-regionalismo", criada por Pedro Mattos, com a qual ele e Ivaldo inscrevem várias músicas na Califórnia, como designação de gênero. A comissão de pré-seleção não aceita nenhuma.

1973 - Estimulado pelo crescimento do prestígio da Califórnia da Canção e por Jerônimo, compõe com ele a canção *Cobra Luz* para o festival. Interpretada por Lúcia Helena (cantora revelada por Ivaldo), a inovadora composição fica em terceiro lugar. Ali foi criado o nome "Pentagrama", denominando o grupo que defendeu a música. Ivaldo passa a lecionar no Liceu Palestrina.

1974 - O resultado da experiência na Califórnia foi a criação do show "Transas & Milongas", que estreou em novembro no Auditório da Assembléia Legislativa.

Na formação do "Pentagrama", era Ivaldo e Jerônimo em violões, Beto Meimes na percussão, Yoli e Loma nos vocais. Vários convidados especiais participaram do show, sendo que um deles, Tenison Ramos, mais tarde viria a integrar o "Pentagrama".

Tocar na noite era um dos principais meios de sustento de Ivaldo. No Vinha D'Alho, onde dividia o palco com Plauto Cruz, a cantora Loma faz sua estréia em palco a convite dele, permanecendo por mais de quatro meses. Várias cantoras foram ainda acompanhadas pela dupla, entre elas Lúcia Helena,



Ivaldo Roque com Jerônimo Jardim, interpretando *Moda de Sangue*.

Biba Ribeiro e Yoli.

Em dezembro, o "Pentagrama" volta à Califórnia da Canção. Com *Coto de Vela*, Ivaldo e Jerônimo causam uma das maiores polêmicas da história dos festivais do RS. Tratava-se de uma versão da lenda do Negrinho do Pastoreio e introduzia o gênero afro-gaúcho no festival. Houve vaias e aplausos dividindo o júri, os organizadores e o público. Além disso, o grupo não se apresentava pilchado. O resultado foi a divisão da Califórnia em três linhas: Manifestação Rio-Grandense, Campeira e Projeção Folclórica.

1976 - O "Pentagrama" grava seu primeiro e único disco. No repertório, várias parcerias com Jerônimo como *Fandangueira*, *Moda de Sangue*, *Passa Ficará* e *Cobra Luz* (faixa de abertura). Incluía também as já citadas *Pra um Dia Poder Voltar* e

Canção da Volta. Foi, e ainda é, um disco revolucionário em todos os sentidos, principalmente no que se refere à música do Rio Grande do Sul. Meses depois do disco, Jerônimo deixa o "Pentagrama", sendo substituído pelo tecladista Chico Ferretti. O grupo sobrevive por pouco tempo mais.

Ivaldo aposenta-se do trabalho no Correio do Povo, com a saúde abalada por emanções dos produtos químicos usados na linotipia. Colabora, porém, em programa na Rádio Gaúcha aos domingos à noite e na coluna "Ala do Roxo" do jornal Zero Hora sobre carnaval.

1979 - Um encontro produtivo acontece com o músico argentino Talo Pereira, no Vinha D'Álho. Ivaldo propõe uma união entre sua capacidade de harmonização e os ritmos executados por Talo. Rob-



son Barenho entra com suas letras e logo surgem *Liberando* e *Canto de Roda* que, interpretada por Nana e Raul Ellwanger, entra no disco da Califórnia.

1980 - Elis Regina grava *Moda de Sangue* em seu disco *Saudades do Brasil*, pela Warner. A música entra em trilha de novela *Coração Alado* (Rede Globo) e torna-se o principal sucesso da dupla Ivaldo/Jerônimo.

1981 / 1985 - As canções compostas com Talo e Barenho ganham gravações: *Quando o Piá For Peão*, por Glória Oliveira no LP da VII Ciranda de Taquara; *Amor Bandoleiro*, por Flora Almeida, no LP da VIII Ciranda; *Passarada*, por Glória Oliveira, no disco do Projeto Unimúsica, e *Liberando*, por Beta Jaeger, no disco da Guarita da Canção de Torres.

Por esta época, Ivaldo, com a saúde instável, decide voltar para Laguna. Lá prossegue seu trabalho ligado ao carnaval em programa na rádio local e escrevendo uma coluna no jornal O Renovador.

1986 - Falece a 7 de abril no Hospital de Tubarão (SC), vítima de cirrose hepática e anemia aguda. Ivaldo sempre foi um boêmio inveterado. Já havia dois anos que o médico o proibira de beber. Havia sido constatada uma cirrose, além do que era também diabético. Até conseguiu durante algum tempo seguir a dieta. Foi tão rigoroso nisto que ficou anêmico. Depois mandou o tratamento às favas e retornou aos botequins do bairro Progresso, em Laguna. Deixou quatro filhos de dois casamentos e uma marca profunda na música do Rio Grande do Sul.

1998 - *Canção da Volta* é gravada por Henrique Mann no 2º volume da série *Porto Alegre Boêmia*, sobre história da música porto-alegrense no século XX.

1999 - A gravação de Elis Regina da canção *Moda de Sangue* volta às telas de TV, integrando a trilha da novela *Torre de Babel* da Rede Globo.





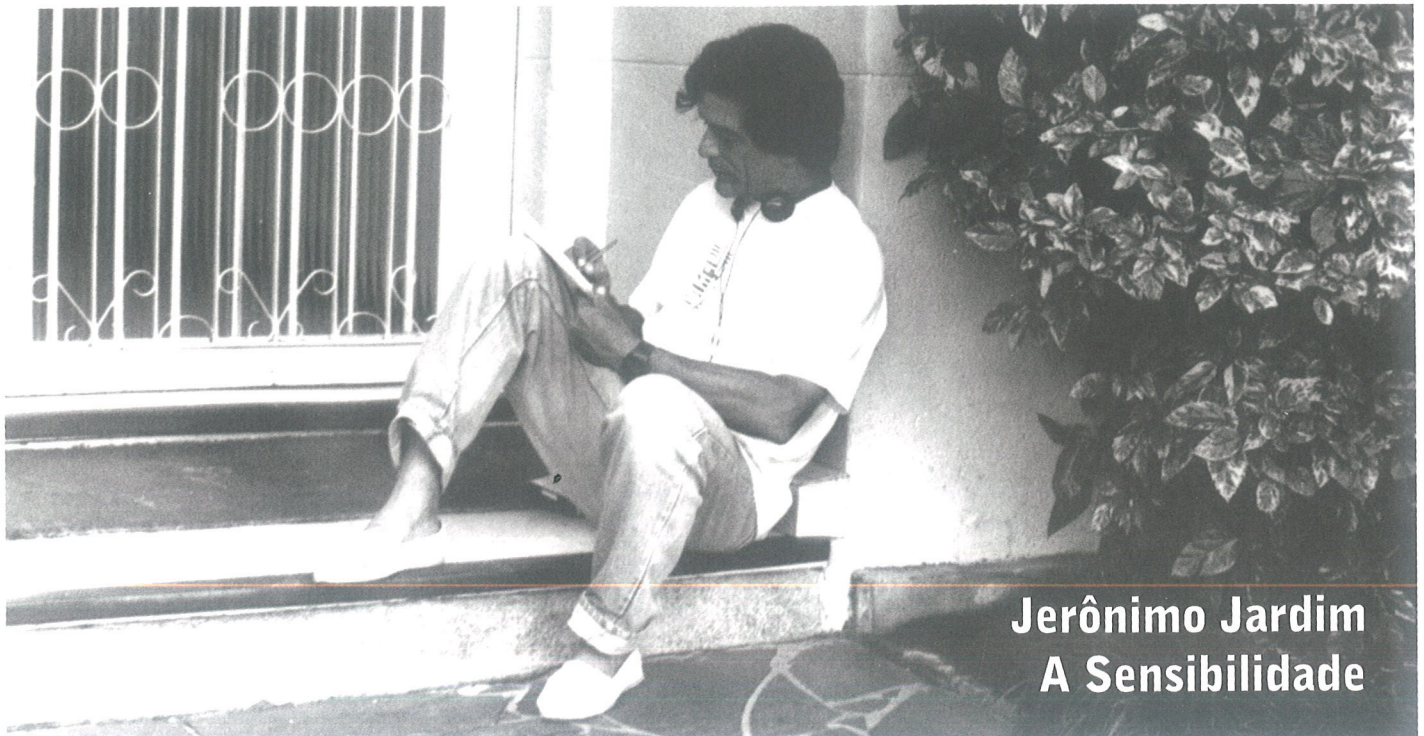
Canção da Volta

Ivaldo Roque e Kenny Braga

Volto, porque me encanta e não porque tenha medo
 Volto, porque me custa viver longe do sossego
 Volto, porque há uma china penteando as tranças
 Volto, porque me encontro no sorriso das crianças
 Volto, porque a infância tem raízes na campanha
 Volto, porque o bolicho me serve um trago de canha
 Volto, porque a história me preparou uma cilada
 Volto, porque o amargo embala a alma cansada
 Volto, porque ainda gosto do minuano no telhado

Volto, porque me visto com a brisa do descampado
 Volto, porque a poesia habita o meu coração
 Volto, porque o Rio Grande me ensina nova lição
 Volto, porque meu reino me afunda giral a dentro
 E faz com que tiaraju cavalgue o dorso do tempo
 Volto, porque uma rosa nasceu na beira da sanga
 Volto, porque o teu seio tem um gosto de pitanga
 Volto e me lembro sempre, volto de onde estiver
 A vida só vale a pena com viola, rancho e mulher.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Jerônimo Jardim A Sensibilidade

No início dos anos 70, a música do Rio Grande do Sul vivia uma contradição histórica. De modo geral, a música nacional sofria com a repressão política, e o quadro era estacionário, uma estagnação momentânea oriunda da impossibilidade de manifestação artística plena. Por outro lado, a música regional buscava seu próprio espaço e a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana prenunciava uma fase de aprofundamento das questões culturais locais e o surgimento do Movimento Nativista, cuja base principal era a música. Estabelecida e comprovada a força da música regional tradicional, em meados da década, o assunto central passa a ser a interação entre rural e urbano, campo e cidade, revolucionando a cultura, usos e costumes. É neste contexto que o jovem advogado da fronteira, apaixonado por música, trava contato com artistas da capital, passando a conviver com Lupicínio, Demosthenes Gonzalez, Rubens Santos, Luiz Coronel, Ivaldo Roque, Zilah Machado e companhia. Neste meio, desponta como compositor talentoso e ganha tal reconhecimento, que abandona a advocacia para viver de música. Trabalha no ramo em vários setores, mas viveria uma relação de amor e ódio com os festivais. Vivia sobre o fio da navalha das questões emergentes na cultura gaúcha e optava pela modernidade, pela revolução musical estimulada pelo convívio com o supermúsico Ivaldo Roque. Esta parceria foi a base do legendário grupo "Pentagrama" e acenderia uma das mais inflamadas polêmicas da música contemporânea do Rio Grande do Sul. Sobre temas do imaginário gaúcho tradicional, utilizavam harmonias sofisticadas, arranjos complexos, instrumental incomum e, até mesmo, uma atitude de palco francamente contestadora. Foi um caminho de premiações e enfrentamentos que culminou com estrondosa vaia em Uruguaiana, em 1985, no palco da Califórnia. Ali Jerônimo foi agredido pelo público com objetos lançados ao palco, tendo de sair escoltado pela polícia, em um dos mais vergonhosos e selvagens acontecimentos dos festivais gaúchos. Magoado, abandonou a carreira por onze anos.

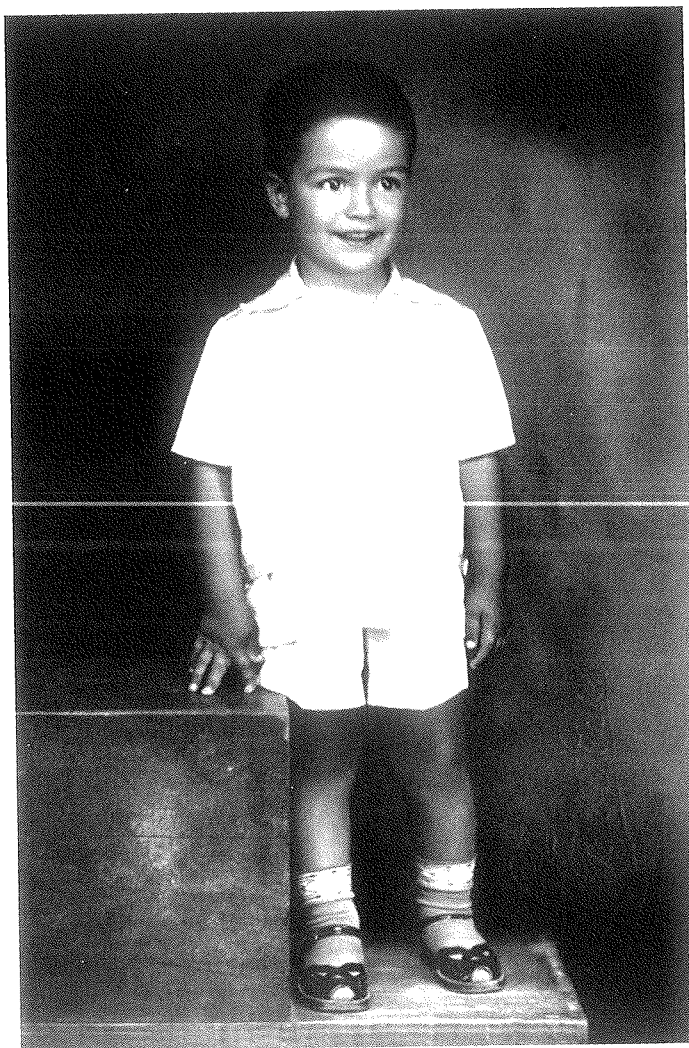
Aquele episódio é visto como de grandes proporções por muitos e minimizado por outros tantos, sendo um dos temas mais debatidos desta série de fascículos. Mas Jerônimo já havia passado por uma situação bastante difícil ao vencer um dos maiores festivais brasileiros no Rio de Janeiro, com *Purpurina*, tendo que amparar a intérprete Lucinha Lins, sob grossa vaia do público que preferia outra canção. Talvez o somatório destas experiências o tenham traumatizado, afastando-o dos palcos por tão longo período. Mas estes são fatos isolados, ocorridos ao longo de uma carreira consagrada por muitas outras razões. A principal delas é a sensibilidade do compositor. O trabalho de Jerônimo é nacionalmente reconhecido e de importância fundamental para toda a música contemporânea do Rio Grande do Sul. Introduziu novos conceitos, recriou motivos musicais e poéticos corajosamente e, compreensivelmente, a certa altura, cansou de tanta refrega. Felizmente, Jerônimo é um homem culto e um compositor diferenciado. Soube contornar as mágoas e voltou, dando a continuidade necessária a uma obra já imortalizada no nosso cancioneiro.

Henrique Mann - Editor



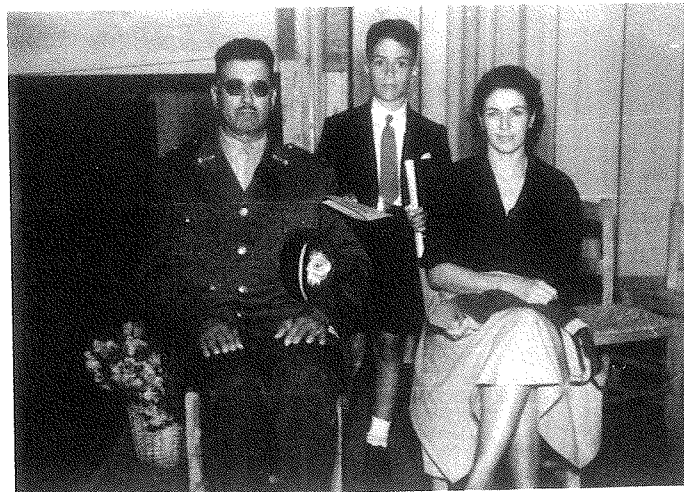
Cronologia Biográfica: Jerônimo Jardim

1944 - Nasce em 11 de novembro na cidade de Jaguarão, filho de Aida Moreira Jardim e José Osvaldo Jardim (militar). Da infância até a adolescência, gostava de boleros, Nelson Gonçalves e música italiana. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro chegava com força na fronteira, trazendo Luiz Gonzaga, Caymmi e Ari Barroso.



No dia de seu aniversário de 2 anos, 1946, Bagé-RS.

1960/68 - Gostava de participar de serenatas. Logo começaria a conhecer a bossa-nova e a descobrir a dissonância. Em meados dos anos 60, a música dos festivais da TV começaram a chegar, e Chico Buarque misturou-se (para Jerônimo) com a gaita de oito baixos da região e as músicas de Pedro Raymundo. Por esta época, as coisas eram um pouco sectárias na música: ou se gostava de MPB ou de "Beatles" e "Rolling Stones". Jerônimo opta pela MPB: "Foi uma pena, mas eu passei incólume pelo rock", comenta.



Com seus pais, na formatura do primário, 1954, em Três Passos, RS.

1968 - Forma-se em Direito pela Faculdade de Rio Grande. Exerceu a advocacia em Bagé, de 64 (ainda na condição de estagiário) até 1970. Animava as rodas de som dos colegas ao violão, sempre interessado no noticiário sobre a música brasileira. Realiza seu primeiro trabalho em composição, musicando um jogral da Faculdade de Bagé.

1969 - Conhece o poeta e publicitário Luiz Coronel que lhe envia cerca de vinte letras para serem musicadas. Desta safra, a canção *Caminhante* fica em segundo lugar no festival da cidade de Livramento, tornando Jerônimo conhecido no meio musical da fronteira. Participa do Festival de Música de Porto Alegre com a música *Ser Criança*.

1970 - Passa a viajar a POA, defendendo causas advocatícias. Conhece Lupicínio Rodrigues. Começa a frequentar a noite com Lupi, Rubens Santos e Demosthenes Gonzalez, que o apresentam à Zilah Machado. A cantora inclui sua canção *Ser Criança* no repertório de seus shows e com ela acaba conquistando o terceiro lugar em festival de Bento Gonçalves. Nasce a filha Thaís.

1971 - Participa do show coletivo "Rio Grande do Som", ao lado de vários músicos conhecidos como Lúcia Helena e Ivaldo Roque, Marco Aurélio Vasconcelos, "Kleitton & Kledir" e Adão Pinheiro. Jerônimo ajuda na produção junto a Luiz Coronel e o show permanece por quinze dias em cartaz no Teatro de Câmara.

Decide fechar a banca de advogado em Bagé e encarar a música profissionalmente na capital. Os compositores novos tinham razoável espaço nos jornais, mas não um mercado de trabalho.

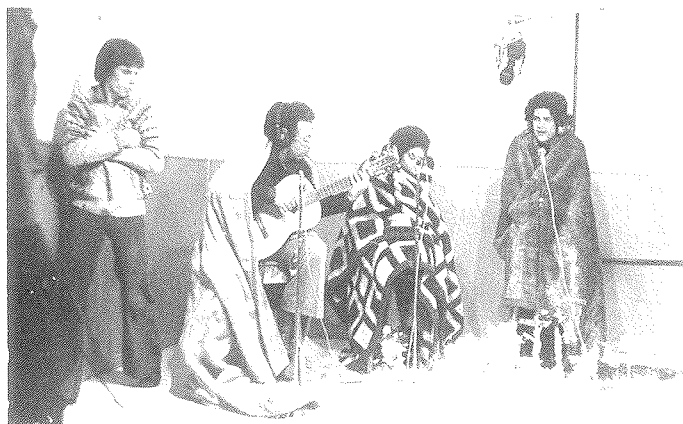
Começa a compor com Ivaldo Roque, com quem estuda música e transita pelas escolas de samba. Faz sambas de quadra e *jingles* em agências de publicidade. "Na época quem tocava bem, normalmente era aluno do Ivaldo no Palestrina", constata.

1973 - Participa da Califórnia da Canção com *Cobra Luz*, em parceria com Ivaldo Roque, defendida por Lúcia Helena. A canção fica em terceiro lugar e começa a abrir a polêmica sobre a futura divisão do festival em "linhas".

1974 - Já com o célebre grupo "Pentagrama" em ação, retorna à Califórnia em nova parceria com Ivaldo: *Coto de Vela*. A canção, repleta de dissonâncias e harmonias complicadas, provoca polêmica, agravada pelo fato de o grupo apresentar-se vestindo jeans, quando na Califórnia, tradicionalmente, os músicos tocam pilchados ou em trajes de gala. Foram vaiados. Mesmo assim, recebem o prêmio de melhor grupo instrumental, mas não foram classificados para a final. Nasce o filho Flávio.

1975 - Em Porto Alegre, o grupo "Pentagrama" monta o show "Transas e Milongas". Jerônimo e Ivaldo vencem o festival de sambas-enredo para a "Praiana" com *No Tempo da Vovó*, (o samba transitava pelo nativismo e não tinha rima). Grava seu primeiro disco, um compacto comemorativo da Festa de Navegantes. As canções *Festa dos Navegantes* e *Dois de Fevereiro* (ambas em parceria com Ivaldo) tiveram acompanhamento da OSPA.

Participam novamente da Califórnia, realizando show especial com o "Pentagrama", já com Yoli na bateria, Tenison Ramos no baixo e Loma no vocal. Esta formação, somada aos violões acústicos, eram uma inovação no regionalismo, e a Califórnia já estava dividida em três linhas: Campeira, Manifestação Rio-Grandense e Projeção Folclórica.



Ivaldo Roque, Loma e Jerônimo Jardim, gravando jingle para o *Marinha Magazine*.

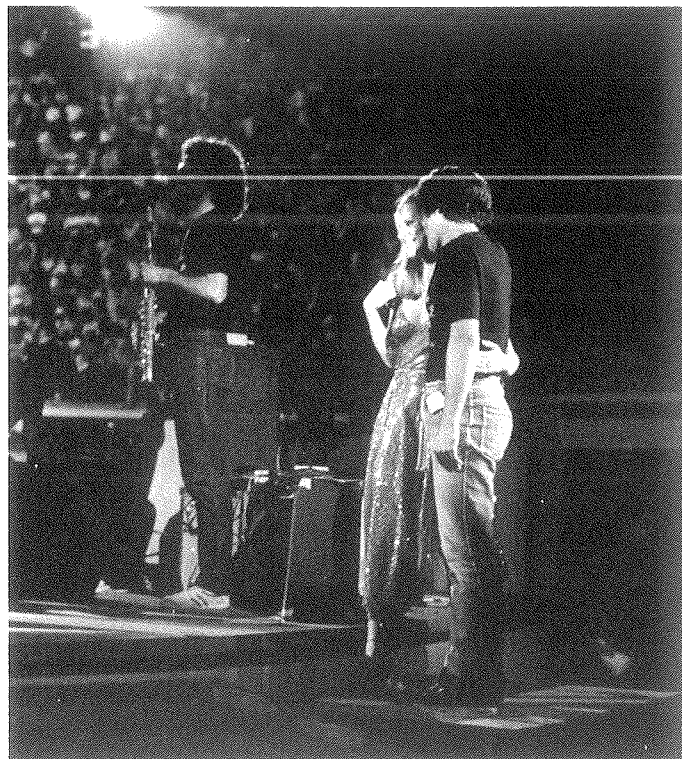
1976 - O "Pentagrama" grava pela Continental seu único LP. O nome do grupo vira selo discográfico da gravadora, mas o conjunto acaba logo em seguida, em razão de divergências entre seus integrantes. Jerônimo vence a linha de Projeção Folclórica da Califórnia da Canção com a música *Seis da Manhã*, em parceria com Zezinho Athanázio. Pela primeira vez, bateria e contrabaixo participam do festival em música concorrente.

1978 - Grava seu primeiro LP solo, *Jerônimo Jardim*, pela ISAEC (relançado em 1985 pela Copacabana). Estréia o show "Gira Canja" no Teatro Renascença.

Vence novamente a linha de Projeção Folclórica da Califórnia com *Sementes de Pedra*, em parceria com Geraldo Flach e Kenelmo Alves. Outra inovação: um teclado eletrônico sob o palco do festival.

1979 - Elis Regina, que o compositor havia conhecido um ano antes no intervalo de um show no Teatro Leopoldina (depois OSPA), grava sua composição em parceria com Ivaldo, *Moda de Sangue*, no disco *Saudades do Brasil*. A canção vira tema da novela "Coração Alado" (Rede Globo) e projeta Jerônimo nacionalmente.

Elis chama Jerônimo para gravar um disco solo produzido por ela para a Warner, mas logo a cantora desentende-se com a gravadora e é demitida, sepultando a idéia. O compositor conhece Lucinha e Ivan Lins. O casal pede-lhe uma canção para um musical. Jerônimo entrega-lhes *Purpurina*.

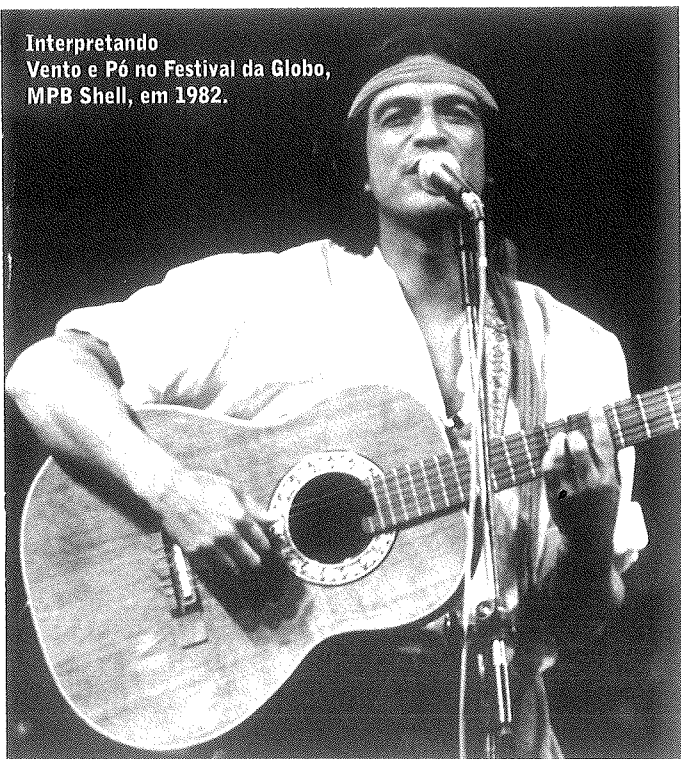


No Festival MPB Shell com Lucinha Lins, no Maracanãzinho, em 1981.

1981 - *Purpurina*, defendida por Lucinha Lins, vence o Festival MPB Shell, organizado pela Rede Globo. O público, preferindo *Planeta Água* de Guilherme Arantes, proporcionou uma das maiores vaias da história dos festivais brasileiros. Mesmo assim, o feito projeta Jerônimo, já razoavelmente conhecido por *Moda de Sangue*. O autor recebe um polpudo prêmio em dinheiro e segue fazendo jingles no Rio de Janeiro.



Interpretando
Vento e Pó no Festival da Globo,
MPB Shell, em 1982.



Grava o tema de abertura do filme argentino "A Intrusa", vencedora de vários prêmios em Gramado. A música era de autoria de Astor Piazzola e um fato inusitado é que o Jerônimo não foi citado nos créditos do filme, por lapso da técnica.

1982 - Jerônimo defende pessoalmente sua música *Vento e Pó*, no Festival da Globo. A música não se classifica, mas é lançada, junto com *Eu Vim do Sul*, em compacto simples pela Polygram.

Participam do disco vários músicos destacados no cenário nacional, como Ivan Lins, Chiquinho do Acordeom e Gilson Peranzetta.

1983 - O compositor decepção-se com os rumos da música brasileira que, naquele momento, vivia a ascensão do rock nacional pontado por *Você não soube me amar*, da banda "Blitz": "*Podemos arrumar as malas. Acabou nossa chance*", sentenciou.

1984 - Participa do Musicanto, de Santa Rosa, defendendo *Ave Matreira* e, da Califórnia da Canção, com *A lo largo*.

1985 - Lança seu segundo LP solo pela RBS/Som Livre. Vence a XV Califórnia com *Astro Haragano*. A música provoca protestos de parte do público.

O músico é apedrejado em palco e tem que ser retirado pela polícia. O fato marcou profundamente a história dos festivais nativistas e inflamou de vez a polémica entre "tradicionalistas" e "nativistas".

1986 - Retoma o trabalho com publicidade. Profundamente magoado com os acontecimentos da Califórnia, decide afastar-se dos palcos. Faz um show de despedida no bar João de Barro em Porto Alegre e "some do mapa". Começa a dar aulas na Faculdade de Rio Grande e faz Pós-Graduação em Direito.

1987/95 - Aprovado em concurso para a Justiça do Trabalho, ficou oito anos sem pegar o violão. "Sentia pânico, parecia que as pessoas me odiavam, entrei em paranóia", explica. Sua música *Portal* é defendida pela cantora Muni, no Festival Carrefour, vencendo a etapa regional em Porto Alegre. Na final, no Maracanãzinho, fica entre as dez. Neste período de afastamento dos palcos, dedica-se à literatura infantil, lançando cinco livros: "Cri cri, o Grilo Gaudério", "Tutinho e os Tênis Mágicos", "O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestilêia", "Sob Fogo Cruzado" e "A Revolta dos Pincéis".

1996 - É convidado pela direção da Califórnia da Canção de Uruguaiana para um show especial no festival, onze anos depois do ocorrido com *Astro Haragano*: "*Foi marcante, senti que as pessoas ainda gostavam de mim e aquilo me reconfortou*", diz.

1997 - Lança seu primeiro CD, *Digitais*, pela RBS/Som Livre. Neto Fagundes grava *Eu Vim do Sul*.

1998 - Participa do show de Arrigo Barnabé, no Teatro da OSPA.

1999 - Tem sua música *Eu Vim do Sul* gravada por Henrique Mann e João de Almeida Neto no CD de pesquisa sobre história da música, *Norte In Sul*.

2000 - Lança o CD acústico *Estação*, independente.



Com Jorge Brittes e
Ayrton dos Anjos,
na Expo CD, em 1997.

Depoimentos



Com Ivan Lins, na casa de Geraldo Flach.

"Nunca atribuí as vaías na Califórnia ao público de Uruguaiana, pois até o patrão do CTG de Bagé, minha terra natal, dizia que a música que eu fazia era uma deturpação do nativismo. Era assim naquela época: havia uma 'direita' na música e eu representava perigo. Mas isso foram coisas de momento. Acho que entre os artistas, estas questões foram resolvidas. Tempos depois, músicos representativos do nativismo gravaram músicas minhas, como Neto Fagundes, que gravou Eu Vim do Sul e o próprio João de Almeida Neto, que naquela época não gostava nem um pouco do meu trabalho, gravou a mesma música com Henrique Mann e tornou-se meu amigo. Foi uma espécie de desagravo daquela situação, que jamais deveria ter ultrapassado o campo do debate teórico."

"O pessoal daqui me apoiou quando fui vaiado no festival da Globo. Diziam que era bairrismo deles, etc. Eu sabia que não era. Eles só queriam que o Guilherme Arantes vencesse e nem sabiam que eu era gaúcho."

"As coisas estão sempre sendo construídas. Nós não achamos um caminho definitivo, porque a vida é feita de procuras. A procura é que é instigante. O principal disto tudo é que ficou uma discussão permanente."

A gente, por exemplo, ainda não conseguiu uma música regional que ultrapassasse a fronteira do Rio Grande. Quem chegou mais perto foram Kleiton e Kleidir. Eu vi a menina no Rio cantando Maria Fumaça. Talvez isso seja execrado pelos mais conservadores, mas não há como negar que seja uma música regional gaúcha que atingiu o centro do país."

"Uma vez, em um debate sobre direitos autorais na casa de Ivan Lins, Jards Macalé disse para Raul Elhwanger: 'gaúcho, não vem com essa de amarrar cavalo em obelisco de novo'. É claro que eles lá têm essa imagem do gaúcho autoritário e não é para menos. Veja quantos ditadores gaúchos o Brasil já teve desde Getúlio. Eles acham que somos os 'bascos' do Brasil."



Em setembro de 1982, no campo de futebol de Chico Buarque. Raça e Simpatia (time de João Nogueira) X Polyteama (time de Chico).

" Tínhamos um comportamento contemporâneo. Achávamos que, para subir ao palco, não era necessário estarmos pilchados, porque não íamos andar a cavalo. A gurizada se comportava como gaúchos nas urbes do estado. Depois fomos escorraçados. O público jovem que estava começando a amar aquele novo jeito gaúcho se sentiu escorraçado também.

Estávamos conseguindo infundir um amor pelas coisas do Rio Grande, mas de um jeito moderno. Depois que o radicalismo conservador tomou conta, a juventude só viu dois caminhos: entrar para o conceito tradicional ou abandonar a coisa toda. E foi o que se viu.

No Bom Fim, o pessoal largou o mate e a bomba-chá e adotou a postura roqueira underground. Foi o fim da tentativa de uma modernidade regional."

" Eu via no 'Tambo do Bando' as mesmas procuras do 'Pentagrama', com os mesmos problemas. Uma música muito sofisticada, que como nós, os distanciava do público. Como disse Ataulpa Yupanqui, 'O artista só pode estar a um passo à frente de seu tempo, porque se estiver a dois só será compreendido pela geração seguinte'".

" O 'Pentagrama' foi uma surpresa para todo mundo, inclusive para nós. Influenciava a si próprio e vivia suas próprias invenções. Tinha uma música regional, mas com muita dissonância. Acho que o 'Pentagrama' ainda hoje é diferente de tudo e surpreendente."

" Nada, porém, foi em vão. Aquilo tudo que começou lá com Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, continua procurando firmar sua identidade. É importante, porque antes disso a identificação era com as cortes européias. Para mim, o primeiro cara a tentar uma modernidade em música foi Paulo Ruschel com Os Homens de Preto. Somos um povo em busca de identidade. O Brasil não nos reconhece como brasileiros. O turista vem para cá e encontra alemães e italianos na serra e pergunta 'onde está o gaúcho de que eles falam?' Só vão achar algo parecido na fronteira com Uruguai e Argentina e nas histórias do Paixão e do Lessa, que reinventaram um gaúcho que nem existia. O grande mérito deles foi criar um perfil para o gaúcho. Foi bem trabalhado pela mídia da época e deu certo. Depois veio a Califórnia, e todo mundo ficou orgulhoso, achando que tinha encontrado finalmente uma identidade."



Purpurina

Jerônimo Jardim

1 C7⁺ F/G C7⁺ F/G C7⁺ Bbsus¹³ Eb7⁺

SE VO CÊ PEN SA QUE VAI ME SE DU ZIR SE VO CÊ PEN SA QUE VAI MEA RRE PI AR

15 F7⁺ G/F Em⁷ A¹³⁻ Dsus⁴ F/G

PO DE SER, MAS EU SOU FEI TO PUR PU R INA SEU MA LUZ NÃO I LU MI NA NÃO HÁ JEI TO

29 C7⁺ C⁹ F⁷⁺ G/F Em⁷ A¹³⁻ Dsus⁴

DE BRI LIAR PO DE SER, MAS EU SOU FEI TO PUR PU RI NA SEU MA LUZ NÃO I LU MI NA

43 F/G C⁹ Bm⁷ F⁹ Am⁷

NÃO HÁ JEI TO DE BRI LIAR SE VO CÊ SÓ CHE GA POR CHE GAR

57 Dm⁷ G⁹ Csus⁴ C⁹ F⁷⁺ G/F Em⁷

NE NHU MA LAN TER NA NO O LIAR NOS SO SHOW NÃO FO DEA CON TE CER

71 A⁷ C/D D⁹ F/G C⁹ F/G

SÉM O PAL CO SÊA CEN DER EU NÃO VOU RE FRU SEN TAR SE VO CÊ PEN SA QUE VAI ME

85 C⁷⁺ F/G C⁷⁺ Bbsus¹³ Eb7⁺ F⁷⁺

SE DU ZIR SE VO CÊ PEN SA QUE VAI MEAR RE PI AR FO DE SER, POIS

99 G/F Em⁷ A¹³⁻ Dsus⁴ F/G C⁷⁺

EU SOU FEI TO BAI LA RI NA SÊA RI BAL TA SÊ LU MI NA F⁷⁺ CO RO XA PRA DAN ÇAR

113 F⁷⁺ G/F Em⁷ A¹³⁻ Dm⁷ F/G C⁷⁺

FO DE SER, POIS EU SOU FEI TO BAI LA RI NA SÊA RI BAL TA SÊ LU MI NA F⁷⁺ CO RO XA PRA DAN ÇAR

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Moda de Sangue

Jerônimo Jardim eIVALDO ROQUE

1 *G7+* *C/G* *G7+*
 QUAN DO TE PREN DO NA CA DEI A DOS A BRA ÇOS E TE TOR

6 *Dm7* *G7* *B7+* *C7+* *Am7* *D7*
 TU ROE TE SU FO COEN TRE MEUS BRA ÇOS E TE FU ZI LO COM OS O LIOS DO DE

12 *Bm7* *E7* *A13* *Eb7* *D7*
 SE JO TE MOR DEN DO NO GOS TO DO MEU BEI JO QUAN DO TEAR

18 *G7+* *C/D* *G7+* *Dm7*
 RA NHO, TE LA NHO DE DE LI CIA VER TEN DO SAN GUE DO TEU

23 *G7* *B7+* *C7+* *Am7* *D7* *Bm7*
 COR FO DE MA LJ CIA QUAN DO TE XIN GO COM PA LA VRAS O B SCE NAS

29 *E7* *A13* *C/D* *D7* *Dm7*
 CO MO JU RAS SE AS JU RAS MAIS SE RE NAS QUAN DO ME VIN GO

35 *G13* *C7+* *F#m7* *B7* *Em7* *Fm7* *Bb13*
 DOS MO LES QUE ME FA ZES COM FRA SES DE MAL DA DE E VE NE NO

42 *C7+* *F#13* *F#13* *Bm7* *E7*
 SIN TO MEU A MOR QUEO A MOR É IS SO DES SAS

46 *Am7* *D7* *G7+*
 COI SAS MUI TO FO RA DE JU I ZO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tambo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura